

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 3 Setembro - Dezembro 2024

ARTIGO

SÍTIO ARQUEOLÓGICO RUA DO PAPAGAIO: UMA OCUPAÇÃO DIFERENCIADA E MUITO ANTIGA NO LITORAL SUL DO BRASIL

Andrea Lessa*, Cassiano Silveira dos Santos**, Osvaldo Paulino da Silva***

RESUMO

As ocupações litorâneas pré-coloniais denominadas sítios rasos ainda são pouco conhecidas pela arqueologia brasileira. A pesquisa sistemática realizada no sítio Rua do Papagaio, localizado no litoral norte de Santa Catarina e com datação de mais de 8000 anos, permitiu a identificação de uma configuração estratigráfica diferenciada, representando uma contribuição relevante para o tema. Foram apresentados os principais aspectos da formação desse assentamento e discutiu-se brevemente sua presença no âmbito das primeiras ocupações do litoral sul brasileiro.

Palavras-chave: arqueologia do litoral; sítios rasos; Santa Catarina; Brasil.

* Programa de Pós-graduação em Arqueologia/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. andrea.lessa@mn.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2932-8934>

** Geoarqueologia Pesquisa Científica. siano80@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3463-6434>

*** Geoarqueologia Pesquisa Científica. osvaldo@geoarqueologia.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9155-8416>

RUA DO PAPAGAIO ARCHAEOLOGICAL SITE: A UNIQUE AND VERY ANCIENT OCCUPATION ON THE SOUTHERN COAST OF BRAZIL

ABSTRACT

Brazilian archeology still has much to know about the pre-colonial coastal settlements called shallow sites. This extensive research, carried out at the Rua do Papagaio site (on the north coast of Santa Catarina and dating back more than 8000 years), found a particular stratigraphic configuration, representing a relevant contribution to the topic. This study described the main aspects of the formation of this settlement and briefly discussed its presence within the scope of the initial occupation of the southern Brazilian coast.

Keywords: coastal archaeology; shallow sites; Santa Catarina; Brazil

SITIO ARQUEOLÓGICO RUA DO PAPAGAIO – UNA OCUPACIÓN DIFERENCIADA Y MUY ANTIGUA EN LA COSTA SUR DE BRASIL

RESUMEN

Las ocupaciones costeras precoloniales llamadas sitios rasos son todavía poco conocidas por la arqueología brasileña. Las extensas investigaciones realizadas en el sitio Rua do Papagaio, ubicado en la costa norte de Santa Catarina y datado de más de 8000 años, permitieron identificar una configuración estratigráfica única, representando un aporte relevante para el tema. En este estudio se presentaron los principales aspectos de la formación de este asentamiento y se discutió brevemente su presencia en el ámbito de la ocupación inicial de la costa sur de Brasil.

Palabras clave: arqueología costera; sitios rasos; Santa Catarina; Brasil.

INTRODUÇÃO

Os relatos de cronistas que estiveram no Brasil entre os séculos XVI e XVII são ricos em informações sobre os contatos entre os novos colonizadores e as populações locais, mas também chamam a atenção para a presença de vestígios materiais do “homem primitivo” que habitara o litoral séculos antes da sua chegada. Esses vestígios são representados majoritariamente pelos grandes montes de conchas, o que é facilmente explicado, em um primeiro momento, pelo seu destaque em uma paisagem carente de outras edificações permanentes; e posteriormente por serem fontes naturais para a obtenção de cal, utilizada na composição da argamassa para as construções coloniais. Fernão Cardim (1980), Gabriel Soares de Sousa (2010) e Frei Gaspar Madre de Deus (2010) são apenas alguns dos cronistas que narraram a abundância, e a destruição, das ‘serras de cascas’.

Não é difícil entender, portanto, por que os sambaquis vêm despertando também o interesse de estudiosos há mais de um século, resultando em uma significativa quantidade de trabalhos publicados sobre o tema. A identificação de centenas desses complexos monumentos ao longo dos séculos XX e XXI tem motivado o contínuo desenvolvimento das pesquisas sobre os grupos sambaquianos. No entanto, a despeito dos expressivos avanços alcançados ao longo das últimas décadas e especialmente do amadurecimento teórico e metodológico representado pela proposição mais recente de abordagens estratégicas especializadas para a escavação de sambaquis (Gaspar; Mendonça de Souza, 2013), o objetivo de se compreender o povoamento pré-colonial do litoral meridional continua a ser um desafio com uma longa estrada a ser percorrida pela arqueologia brasileira.

Nesse sentido, uma importante questão diz respeito aos pescadores-coletores que participaram do processo de povoamento do litoral, mas não construíram montes de conchas. Diferentemente dos sambaquianos, pouco se sabe a seu respeito, uma vez que o número de pesquisas sobre os assentamentos por eles ocupados, atualmente denominados sítios rasos, é muito pequeno. Embora, para o litoral meridional, sua ocorrência tenha sido registrada desde São Paulo até o sul de Santa Catarina, pouquíssimos sítios foram localizados até o momento.

Como a própria denominação indica, os sítios rasos apresentam um pacote arqueológico pouco espesso, variando normalmente entre 1 e 1,5 metros. Assim, ao contrário dos montes de conchas, não se destacam na paisagem, o que dificulta bastante sua localização tanto para fins de proteção quanto de pesquisa. Soma-se à sua pouca visibilidade o fato desses sítios estarem localizados em áreas sedimentares com fortes remodelações, muito próximas ao mar, o que favorece episódios de destruição natural. A forte especulação imobiliária secular nas regiões litorâneas, por sua vez, vem contribuindo expressivamente para a destruição antrópica dos sítios rasos antes mesmo de serem localizados.

Não obstante as adversidades supracitadas, mais de quatro dezenas de sítios rasos, com e sem presença de cerâmica, foram localizadas até o momento, somente entre o litoral norte e central de Santa Catarina (Beck, 1972; Rohr, 1959, 1966, 1977, 1984a, 1984b; Silva et al., 1990; Schmitz et al., 1993; Bryan, 1993; Fossari, 2004; Bandeira, 2004; Bandeira; Fossile 2014), aparentemente a região preferencial, mas não exclusiva, para a instalação desses assentamentos. Foram localizados sítios rasos também na Baía de Paranaguá (Schmitz, 2018; Chmyz; Sganzerla; Chmyz, 2003) e no litoral norte de São Paulo (Uchôa, 1973; 2009).

Muitos desses sítios apresentam alta densidade demográfica, ainda que parte de sua área tenha sido destruída antes da escavação ou vistoria para fins de registro. Poucos deles forneceram dados consistentes, uma vez que apenas 13 foram objetos de escavação sistemática, entre as décadas de 50 e 70. Desses, dois estavam em grau avançado de destruição e alguns não tiveram a pesquisa publicada.

As metodologias de escavação e documentação dos sítios rasos, pertinentes para a época, não são suficientes para o suprimento de muitas das informações necessárias para a proposição de hipóteses ou elaboração de modelos baseados em discussões atuais. Novas escavações esbarram nas dificuldades de localização e preservação comentadas acima, além da necessidade de uma logística complexa e de alto custo para a escavação de sítios com grandes dimensões horizontais e alta densidade demográfica.

Diante desse cenário, a escavação sistemática e completa do sítio Rua do Papagaio (SARP), realizada entre 2003 e 2004, constituiu uma nova oportunidade de pesquisa em um sítio raso sem cerâmica. Somente outros dez sítios desse tipo foram localizados no litoral central e norte de Santa Catarina, dos quais apenas três foram pesquisados: Ilha Maria Francisca, escavado em 1959 por Alroino Eble, com área de 1.500 m², e sobre o qual não existem publicações (Rohr, 1984b); Armação do Sul, escavado em 1969 e 1974 por João Alfredo Rohr, com duas áreas escavadas perfazendo total de 269 m² e correspondendo a uma pequena porção do assentamento (Rohr; Andreatta, 1969; Schmitz et al., 1992); e Pântano do Sul, escavado em 1975 por João Alfredo Rohr, com três áreas escavadas perfazendo um total de 294 m² e correspondendo a uma pequena porção do assentamento, o qual está sob a vila de pescadores e sob dunas (Rohr, 1977; Schmitz; Bitencourt, 1996).

Mediante a escassez desses sítios, escavados há cinco décadas, a pesquisa realizada no sítio Rua do Papagaio representa uma nova oportunidade de ampliação das discussões sobre o povoamento do litoral sul do Brasil. Uma análise minuciosa de sua estratigrafia e da distribuição horizontal dos elementos arqueológicos que o compõem apontaram para uma ocupação diferenciada e as datações absolutas demonstraram a excepcional antiguidade do assentamento. Por esses motivos, este artigo tem como objetivo apresentar de forma sintetizada aspectos componenciais do SARP, bem como discutir de forma breve a sua presença no âmbito do povoamento inicial do litoral meridional. Todos os dados e figuras aqui apresentados são inéditos.

A apresentação e a discussão específica sobre os aspectos funerários e bioarqueológicos, e sobre a cultura material presente no SARP, serão objeto de outros textos.

SOBRE OS SÍTIOS RASOS

De acordo com Lessa (2005, 2015) e Lessa e Scherer (2008), na arqueologia brasileira o termo “sítio raso” não foi o único utilizado para denominar esse tipo de assentamento, fato que gerou — e ainda gera — certa confusão entre pesquisadores e indica o quão pouco foram estudados até o momento. Os primeiros arqueólogos a identificarem esse tipo de instalação humana foram G. Tiburtius, I. K. Bigarella e J. J. Bigarella em 1950, os quais utilizaram o termo jazidas páleo-etnográficas para caracterizar o sítio Itacoara, um assentamento diferente dos sambaquis tradicionais, localizado na região de Joinville. Rohr (1959) seguiu a denominação proposta por Tiburtius ao publicar os resultados da escavação da Jazida da Base Aérea (Ilha de Santa Catarina, SC), no entanto, posteriormente, o termo foi sendo deixado de lado e o pesquisador passou a se referir a esses assentamentos apenas como ‘sítio arqueológico’ — por exemplo, ao publicar o sítio Praia da Tapera (Rohr, 1966). A partir da década de 1980, Rohr passou a utilizar o

termo sítio raso/sítio raso com cerâmica para designá-los, enfatizando características estratigráficas que os diferenciam dos sambaquis. As principais características desses sítios foram resumidas por Rohr (1977) da seguinte forma:

Ocorre na Ilha [de Santa Catarina] uma série de sítios arqueológicos rasos, com numerosos sepultamentos e uma cultura material muito copiosa, semelhante à cultura dos sambaquis. No entanto, estes sítios não são sambaquis porque encerram teor muito baixo de conchas. A camada arqueológica dos mesmos, de aproximadamente um metro de espessura, assenta sobre areia da praia, sendo formada por húmus escuro, de mistura com areia, carvão vegetal, ossadas de peixes, aves e mamíferos e conchas esparsas [...]. Em certas áreas, a camada arqueológica, inclusive, é isenta de conchas” (Rohr, 1977, p. 8–9).

Ainda de acordo com Lessa, outro termo utilizado até recentemente para denominar os sítios rasos e diferenciá-los dos então chamados sambaquis *stricto sensu* foi acampamento litorâneo (e.g. Prous, 1992). Certamente foi emprestado/assimilado do termo em espanhol *paradero*, utilizado pelo argentino Antônio Serrano (1933) para denominar sítios com pouca profundidade e composição estratigráfica composta majoritariamente por sedimento escuro e rico em matéria orgânica, especialmente carvão, localizados nas terras baixas da América do Sul, e por ele interpretados como ocupações de permanência temporária. Posteriormente, Serrano (1936) refina a classificação desses sítios, sugerindo que a terminologia correta seria *paraderos temporales* ou *estaciones*, e que quando houvesse enterramentos humanos deveriam ser denominados *paraderos-cementerios*. Até há relativamente pouco tempo a ideia de ocupações não permanentes (*paraderos*) ia ao encontro das hipóteses formuladas por alguns arqueólogos brasileiros para os sítios litorâneos distintos dos sambaquis, com ou sem presença de cerâmica, daí a denominação de acampamentos litorâneos. É o caso de Beck (1971), que, apoiada na afirmação de Darci Ribeiro (1970) de que os Xokleng teriam realizado movimentos migratórios pendulares entre o planalto e o litoral para o abastecimento de recursos, sugere essa via para a introdução da cerâmica de Tradição Itararé presente em sítios mais recentes e admite uma interpretação de ocupação sazonal para esses assentamentos.

Essas hipóteses, no entanto, nunca foram sustentadas por dados bioarqueológicos ou arqueológicos, haja vista a inexistência de outros elementos (estilísticos ou funcionais) associados aos grupos do planalto, ou ainda de assentamentos de transição na encosta ou mesmo no litoral. Ao contrário, o farto material cultural ósseo, lítico e malacológico, a diversidade de recursos explorados e o expressivo número de sepultamentos encontrados nesses sítios indicam o cotidiano de grupos bem adaptados ao meio, ocupando aldeias estáveis.

Finalmente, como discutido por Prous (1992), também foi utilizado o termo “sambaqui sujo” para diferenciar esses sítios dos “sambaquis verdadeiros”. O mesmo autor os define da seguinte forma:

[...] sítios litorâneos de coletores e pescadores que apresentam uma morfologia distinta dos sambaquis, correspondendo, ao que parece, a outras culturas. [...] Reservamos o termo “acampamentos litorâneos” aos sítios (ou a componentes, no caso de existir superposição estratigráfica) arqueológicos dentro dos quais os vestígios culturais estão contidos dentro de uma matriz sedimentar, na maior parte de elementos minerais,

e dentro da qual as conchas de moluscos, embora presentes, constituem uma parte mínima do volume do sítio. Geralmente, estas conchas concentram-se em bolsões ou lentes de superfície limitada, enquanto o sedimento arenoso contém uma grande quantidade de restos de peixe. A relativa escassez das conchas faz com que sejam pouco espessos em relação aos sambaquis (raramente mais de um metro de espessura) (Prous, 1992, p. 272).

Baseando-se no desenvolvimento das indústrias, Prous (1992, 2019) classifica três tipos de assentamentos do tipo sítio raso: sem cerâmica antigos, localizados no litoral central e norte de Santa Catarina; sem cerâmica recentes, localizados no litoral norte de São Paulo; e com cerâmica, com datação mais antiga em torno de 1000 A. D. No entanto, as datações obtidas sobre colágeno para o sítio raso sem cerâmica Armação do Sul (Oppitz, 2015), demonstrando uma longa ocupação entre 3065–2880 cal AP e 1315–1275 cal AP, colocam em pauta o balizamento entre sítios “antigos” e “recentes”. A inovação tecnológica representada pela cerâmica, e outras, por sua vez, parece apontar para diferenças culturais entre os sítios rasos na perspectiva diacrônica. Diante do conhecimento produzido até o momento, no entanto, não é possível inferir a pertinência desse modelo, ainda preliminar.

CONTEXTO AMBIENTAL

Localizado no município de Bombinhas (22J E0747136 N6995155), litoral central de Santa Catarina, o SARP dista atualmente 180 m da praia de Bombas. Essa enseada de águas tranquilas é cercada por morros graníticos (ver Horn Filho, 2003 para caracterização geológica) ainda encobertos por Mata Atlântica em suas cotas mais elevadas. Junto a um afloramento rochoso em uma das extremidades da praia deságua o rio da Barra, distante 800 m do SARP.

Na região, a fauna de vertebrados aquáticos é composta principalmente por peixes recifais, além de mamíferos cetáceos e otarídeos (leões-marinheiros) em sua maioria migratórios (Aued et al., 2011; Fantacini et al., 2011). De forma mais abrangente, a fauna de vertebrados terrestres enquadra-se no domínio zoogeográfico neotropical, província Tupi, e caracteriza-se pela diversidade de espécies autóctones e daquelas que invadiram a área a partir do Plioceno. Outra característica importante é o grande número de espécies com baixa recorrência de indivíduos especializados em habitats e recursos restritos, o que está diretamente relacionado à diversidade morfoclimática. O número de espécies de pequeno e médio porte é comparativamente maior do que o de espécies de grande porte. O principal bioma da província Tupi (localizada do sul da Bahia até a porção sul de Santa Catarina) é a Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, como manguezais, restingas e campos de altitude (Paiva, 1999).

A área em que estava o assentamento, posteriormente ocupada por uma grande casa e um jardim com árvores frondosas e atualmente ocupado por um condomínio residencial, está localizada sobre o cordão arenoso litorâneo, o qual forma um suave aclave de aproximadamente 4 m em relação ao nível do mar.

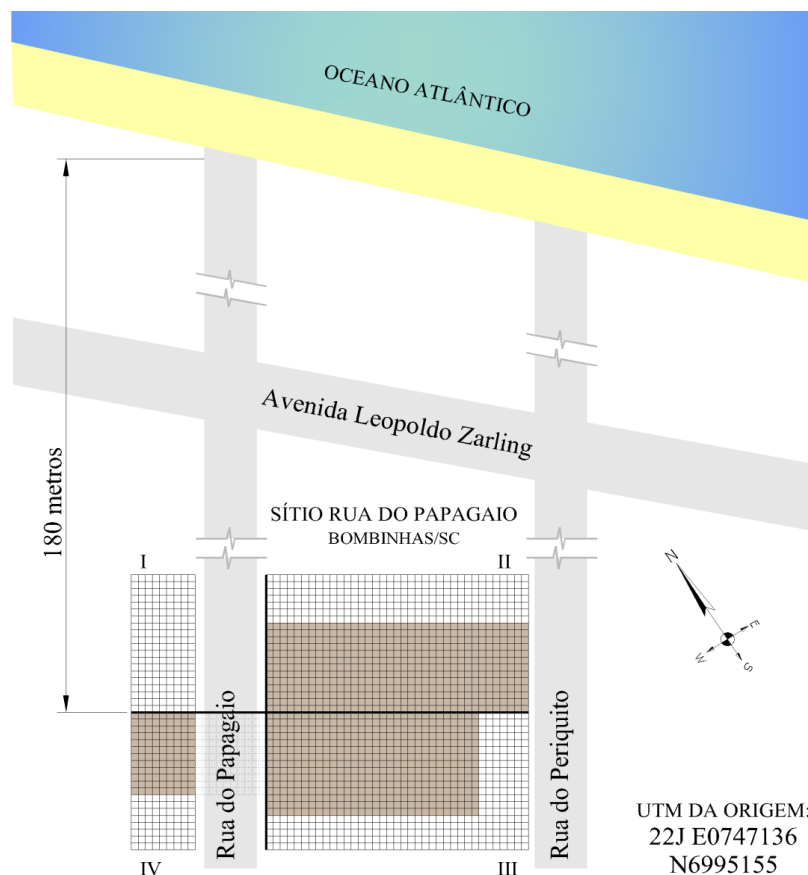
METODOLOGIA DE ESCAVAÇÃO

O SARP foi escavado ininterruptamente entre os meses de junho de 2003 e junho de 2004 no âmbito da arqueologia preventiva pela equipe da empresa Geoarqueologia Pesquisa Científica Ltda., sob a coordenação do arqueólogo Osvaldo Paulino da Silva.

O objetivo da intervenção arqueológica foi escavar, em sua totalidade, uma propriedade particular a fim de se liberar a área para implantação de empreendimento imobiliário.

A área inicialmente delimitada para as intervenções foi dividida em quatro quadrantes (I a IV) com o objetivo de desenvolver uma estratégia de quadriculamento e escavação que dialogasse com as características do espaço recentemente antropizado, favorecendo a difícil logística de uma campanha de mais de 12 meses. A área inicialmente prospectada abrangia tanto o terreno no qual seria edificado o condomínio, localizado entre as Ruas do Papagaio e do Periquito, quanto o terreno localizado do outro lado da Rua do Papagaio. Após sondagem sistemática, verificou-se que a presença de material arqueológico se restringia aos quadrantes II e III (Figura 1).

Figura 1. Croqui da área total de sondagem e escavação – Quadrantes I a IV. Sítio Arqueológico Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.

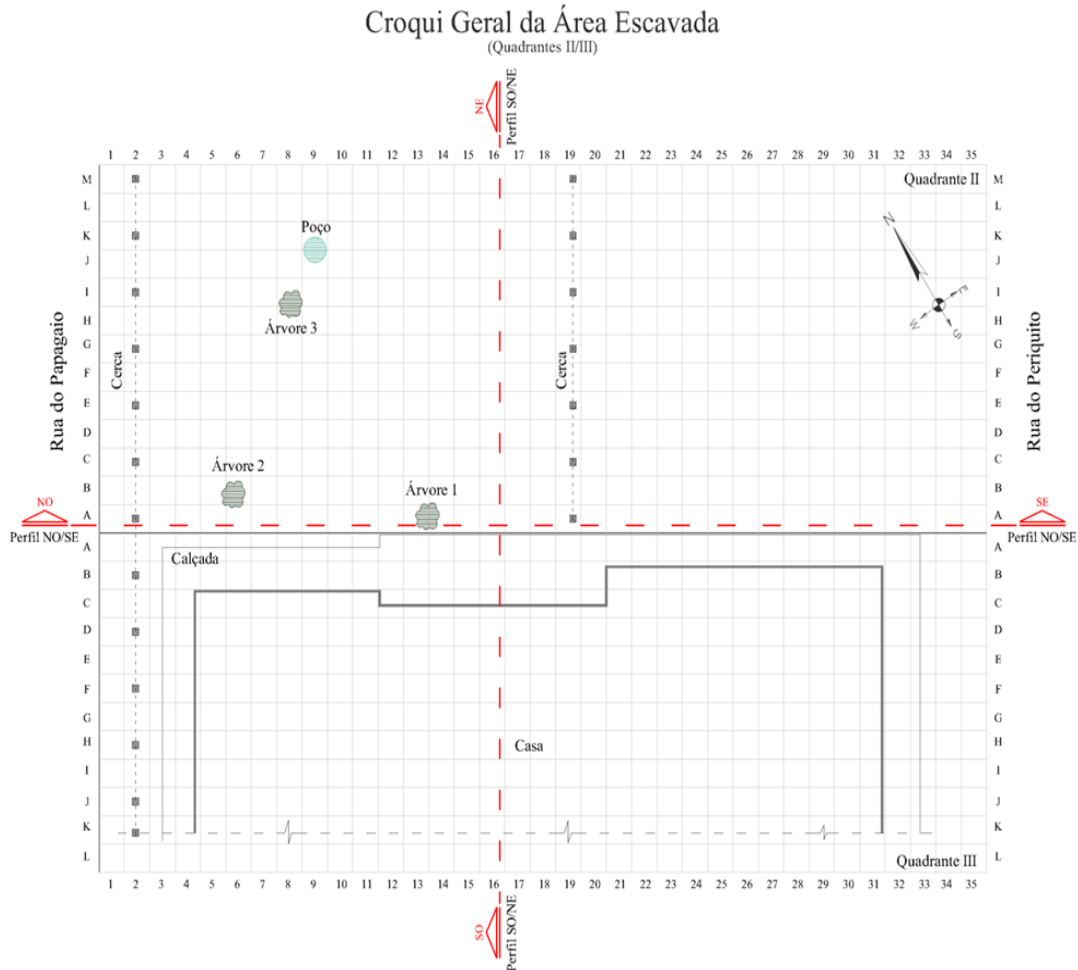


Fonte: elaborado pelos autores.

Os quadrantes foram delimitados com o estabelecimento da linha que seguiu o traçado da Rua do Papagaio (sentido NE/SO), e da linha que seguiu a configuração da propriedade no momento em que se iniciaram os trabalhos (sentido NO/SE). No que se refere aos quadrantes II e III especificamente, a linha NO/SE dividiu o terreno exatamente ao meio, com o jardim da propriedade localizado na área nordeste (ou anterior, tendo como referência a praia), equivalendo ao quadrante II; e a calçada e a grande casa localizadas na área sudoeste (ou posterior), equivalendo ao quadrante III (Figura 2). Essa configuração seguiu a topografia natural, uma vez que o terreno ocupa exatamente o topo do suave aclave formado pelo cordão arenoso. Como se verá adiante,

o assentamento pré-colonial seguiu uma tendência semelhante, apresentando duas áreas com características diferenciadas de ocupação.

Figura 2. Croqui Geral da Área Escavada – Quadrantes II e III Sítio Arqueológico Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.

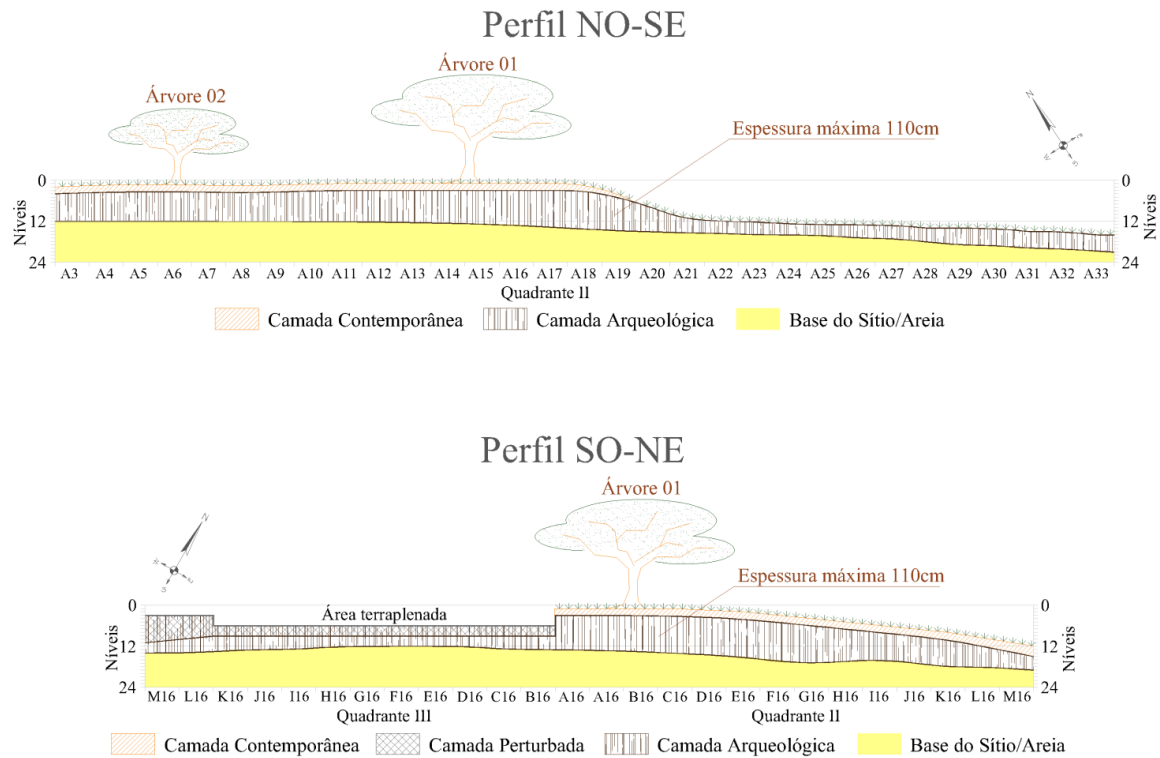


Fonte: elaborado pelos autores.

Foram delimitadas quadrículas de 1 m² paralelas à Rua do Papagaio, com o eixo alfabético no sentido SO/NE e o eixo numérico no sentido NO/SE (Figura 2). A escavação foi realizada seguindo-se níveis artificiais de 10 cm até a areia estéril da base do sítio em todas as quadrículas, tendo o pacote arqueológico alcançado uma profundidade máxima de 110 cm. Todo o terreno apresentava declividade gradativa e suave no perfil NO/SE a partir da linha numérica 19 até a 35, junto à Rua do Periquito, com desnível máximo de 1 m em relação à área central; e no quadrante II no perfil SO/NE a partir da linha alfabética E até a M, com desnível máximo de 50 cm (Figura 3).

A área correspondente ao assentamento pré-colonial foi integralmente escavada, perfazendo um total de 827 m². As quadrículas limítrofes com a Rua do Papagaio apresentaram pequena quantidade de material faunístico, sugerindo que no subsolo ainda exista testemunho residual. A total ausência de material nas quadrículas escavadas do outro lado da Rua do Papagaio (quadrante IV), assim como nas quadrículas limítrofes com a Rua do Periquito, confirma o limite espacial do sítio.

Figura 3. Desenho esquemático dos perfis NO/SE e SO/NE – Sítio Arqueológico Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: elaborado pelos autores.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL VERTICAL E HORIZONTAL DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

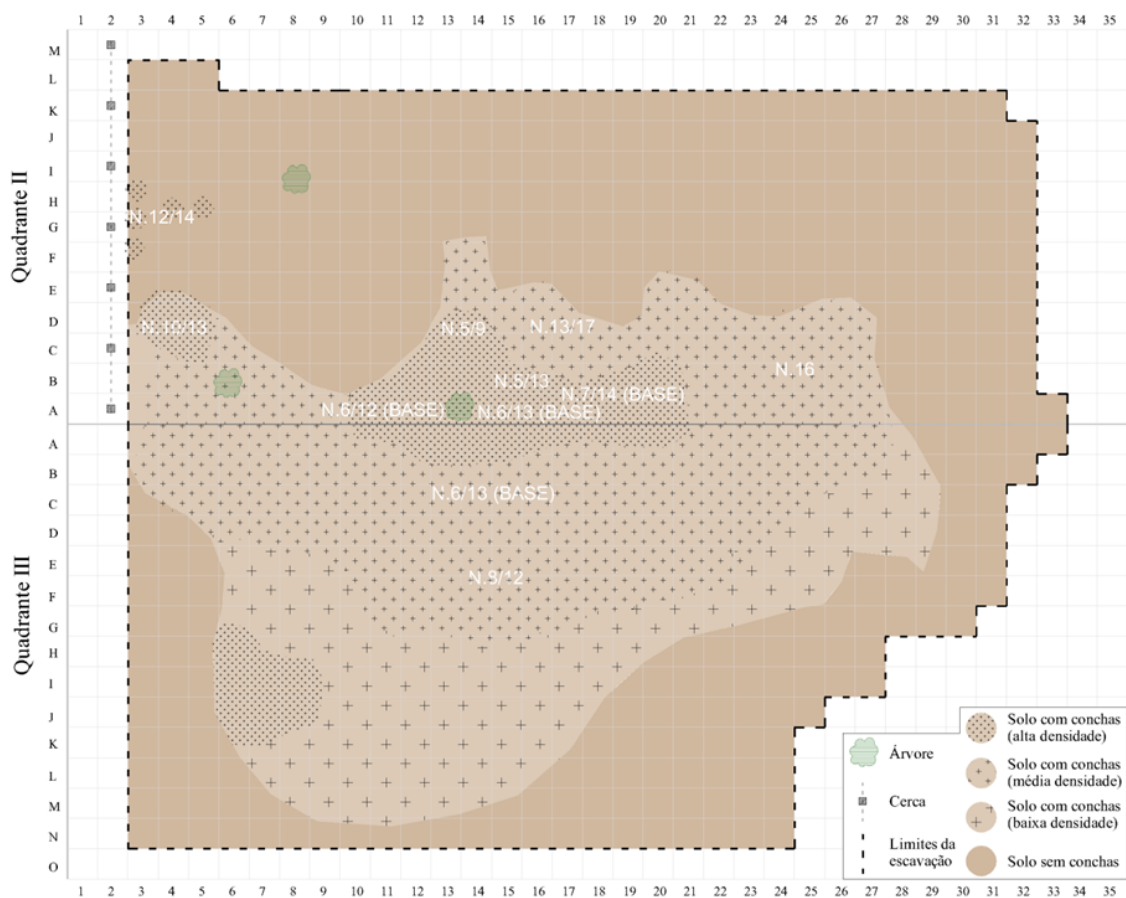
Sob a perspectiva estratigráfica, o SARP, assentado diretamente sobre a areia clara da base, apresentava-se bastante homogêneo. Com exceção da área central, não foram observadas camadas ou lentes sobrepostas. Essa configuração foi observada tanto nas áreas cujo pacote arqueológico era constituído basicamente por sedimento arenoso — de granulometria fina e composição quartzosa, e coloração cinza escura devido à presença de matéria orgânica — quanto nas áreas com presença de conchas. Em todos os níveis foi registrada a presença de estruturas de combustão, restos faunísticos, sepultamentos, artefatos líticos e ósseos.

Tanto as camadas mais superficiais do sítio quanto as mais profundas sofreram impactos diferenciados em função das diversas alterações antrópicas modernas. No quadrante II os níveis 1 e 2 apresentaram pequena quantidade de material perturbado, sendo observadas estruturas íntegras ou pouco impactadas a partir do nível 3. Perturbações nos níveis inferiores ocorreram de forma pontual devido à presença de árvores (pelo menos três de grande porte) e de um poço, além de uma estrutura do início do século XX e alguns alicerces de concreto localizados na trincheira aberta ao longo do perfil SO/NE, próxima à cerca do terreno junto à Rua do Papagaio. No quadrante III, cujo espaço foi quase completamente ocupado pela edificação residencial, o aplainamento do terreno e obras estruturais para a sua construção, e a posterior demolição cuidadosamente supervisionada, perturbaram os níveis superiores do sítio. Estruturas íntegras ou pouco impactadas foram observadas a partir do nível 5.

Como referido anteriormente, a linha central NO/SE estabelecida para dividir ao meio o espaço a ser escavado (demarcação dos quadrantes II e III), coincidentemente ficou localizada sobre uma divisão natural da área do assentamento, possivelmente por corresponder ao topo do aclave. Quando comparados os dois quadrantes, verificou-se que as duas áreas apresentaram padrões quantitativos e de distribuição espacial bastante diferenciados entre vários elementos. A estrutura que segregou as duas áreas do assentamento constituía-se de um agrupamento horizontal de valvas de berbigão (*Anomalocardia brasiliana*) inteiras e abertas, presente desde o nível 9 até o 12 (base do sítio nessa área específica), o qual estendia-se no sentido NO/SE desde aproximadamente a linha 9 até a linha 21 (Figura 4). Foi registrada total ausência de estruturas funerárias e de combustão, de artefatos e material faunístico no interior do agrupamento de conchas e abaixo dele, na base do sítio. Sobrepuña-se às conchas uma camada de sedimento arenoso escuro na qual estava ausente este elemento, mas que continha sepultamentos, restos faunísticos e artefatos, à semelhança de outras áreas do assentamento.

Uma vez que as duas áreas identificadas no assentamento se apresentaram de forma diferenciada, e que sua divisão coincide com a linha NO/SE, as configurações observadas serão apresentadas comparando-se os quadrantes II e III.

Figura 4. Croqui de localização do agrupamento de conchas (na legenda, solo com alta densidade de conchas) e distribuição/densidade de conchas no sedimento arenoso – quadrantes II e III. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: elaborado pelos autores.

No perfil voltado para o quadrante II, o agrupamento era constituído por um pacote contínuo e bastante denso de conchas, sem a formação de lentes ou camadas, com espessura média de 30 cm. Acima do agrupamento estava presente uma camada com conchas em quantidade muito menor e sem organização aparente. Observou-se pequenas áreas de descontinuidade tanto na camada densa de conchas quanto acima dela, caracterizadas por cavidades preenchidas pelo sedimento arenoso, mas sem presença de outros elementos (Figura 5). Essas cavidades são provavelmente o resultado de perturbações naturais, provocadas pela ação das raízes da grande árvore localizada acima da estrutura e/ou por animais. Parte das conchas presentes na camada superior, pouco densa, possivelmente foi deslocada durante a formação das cavidades.

Considerando-se a ausência de ondulações naturais e a alta densidade de conchas (claramente verificada pelo grande volume de material em relação a sua pequena espessura), além da ausência de outros vestígios e de lentes sedimentares indicando deposições graduais, coloca-se uma interpretação plausível para essa estrutura horizontal: seria uma área reservada para o descarte exclusivo e contínuo deste refugo alimentar específico, sendo periodicamente aplainada de forma intencional ou não.

Conforme avançava em direção ao quadrante II (direção NE), o agrupamento de conchas se tornava menos espesso, restringindo-se aos níveis mais próximos da base, com extensão máxima até a linha E (Figura 4). A partir desse ponto a presença de conchas é praticamente inexistente, com exceção de alguns pequenos bolsões bem delimitados. Não é possível inferir a intencionalidade no espalhamento das conchas, uma vez que pode ter sido consequência de fatores naturais ou antrópicos não intencionais. A facilidade de deslocamento desses elementos foi repetidamente verificada diante da difícil tarefa de manter a retificação dos perfis-testemunho, os quais desabavam antes mesmo que a imagem pudesse ser capturada.

Figura 5. Em segundo plano na imagem, agrupamento de conchas visto desde o quadrante II (já quase completamente escavado e com a árvore cortada), estendendo-se no sentido NO-SE. Note-se as cavidades preenchidas por sedimento. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: Geoarqueologia Pesquisa Científica.

Quando voltado para o quadrante III, o agrupamento central de conchas apresentava-se menos denso de forma geral, mas a camada com densidade média avançava de maneira mais uniforme e alcançava pelo menos a metade da área do assentamento (Figura 4). As conchas não formavam estratos ou lentes, apresentando dispersão aleatória possivelmente associada às atividades cotidianas. Assim, considerando-se o quadrante III como um todo, a ocorrência de conchas dispersas no solo foi maior, e sua distribuição foi mais uniforme quando comparada com o quadrante II, ocorrendo em quase todos os níveis escavados (Figura 6). Foram observadas inclusive áreas circunscritas com alta densidade de conchas, normalmente associadas a outros restos faunísticos e a estruturas de combustão. Espaços com baixa densidade ou ausência de conchas também estavam presentes, mas não predominaram neste quadrante, diferentemente do quadrante II.

Figura 6. Quadrante III – Note-se a presença de conchas dispersas aleatoriamente por todo o pacote arqueológico em parte do quadrante, porém com menor densidade do que o observado no agrupamento central. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: Geoarqueologia Pesquisa Científica.

Com relação às estruturas funerárias, mais uma vez observa-se diferenciação expressiva entre os dois quadrantes. De um total mínimo de 100 indivíduos¹, 81% foram sepultados no quadrante II e apenas 19% no quadrante III. Especialmente no quadrante II, alguns sepultamentos estavam bastante perturbados tanto devido a fatores antrópicos recentes (níveis superiores) quanto ao uso contínuo do espaço funerário pelo grupo.

¹ A Curadoria dos remanescentes humanos e cultura material associada, bem como uma análise paleopatológica preliminar, foram realizadas por Luciane Z. Scherer e Andrea Lessa no laboratório da empresa Geoarqueologia Pesquisa Científica, Florianópolis. Foi quantificado um NMI igual a 100, alguns deles representados por poucos ossos descontextualizados.

De forma geral, foi comum a presença de material ósseo em estado de preservação insatisfatório para análises osteobiográficas, mesmo no caso de estruturas intactas.

A localização dos indivíduos em relação ao tipo de sedimento que compunha o pacote arqueológico apresentou um padrão bem definido, sendo predominantes no quadrante II os sepultamentos no solo arenoso escuro sem conchas (Figura 07), e no quadrante III os sepultamentos dentro da areia clara da base (Figura 08) e dentro da camada com densidade média de conchas (Tabela 1).

Figura 7. Quadrante II – Três sepultamentos em solo arenoso escuro. Note-se a presença de conchas apenas na forma de pequeno bolsão em nível inferior aos sepultamentos, no lado esquerdo da imagem; e a presença de osso de cetáceo associado. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: Geoarqueologia Pesquisa Científica.

Figura 8. Quadrante III – um sepultamento sobre (no alto da imagem) e outro dentro da areia clara que formava a base do assentamento. Note-se, acima dos sepultamentos, o pacote com densidade média de conchas e sem qualquer organização. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: Geoarqueologia Pesquisa Científica.

Tabela 1. Frequência de sepultamentos segundo tipo de sedimento, por quadrante – Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.

Tipo de Sedimento	Quadrante II		Quadrante III	
	N	%	N	%
Arenoso escuro sem conchas	67	82,7	-	-
Dentro da areia clara da base	1	1,2	8	42,1
Sobre a areia clara da base	8	9,9	3	15,8
Sobre a camada com densidade média de conchas	4	4,9	-	-
Dentro da camada com densidade média de conchas	1	1,2	8	42,2
Total	81	100	19	100

Fonte: elaborado pelos autores.

Foi possível definir a forma de deposição de 40 indivíduos (49,4%) sepultados no quadrante II, e de 15 indivíduos (78,9%) sepultados no quadrante III. Esses dados estão relacionados ao nível de perturbação antrópica das estruturas funerárias, o que por sua vez reflete o uso expressivamente maior da área representada pelo quadrante II para fins funerários, podendo resultar inclusive em inversões cronológicas. Foram observadas formas de deposição variadas em ambos os quadrantes, mas com predominância do decúbito ventral nas duas áreas (Tabela 2). Não foram identificados sepultamentos secundários.

Tabela 2. Frequência de sepultamentos segundo forma de deposição/posição, por quadrante – Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.

Forma de deposição	Quadrante II		Quadrante III	
	N	%	N	%
Decúbito ventral	18	45	6	40
Decúbito dorsal	10	25	4	26,7
Decúbito lateral posição estendida	3	7,5	2	13,3
Decúbito lateral posição semifletida	4	10	1	6,7
Decúbito lateral posição fletida	3	7,5	-	-
Decúbito lateral posição hiperfletida	2	5	2	13,3
Total	40	100	15	100

Fonte: elaborado pelos autores.

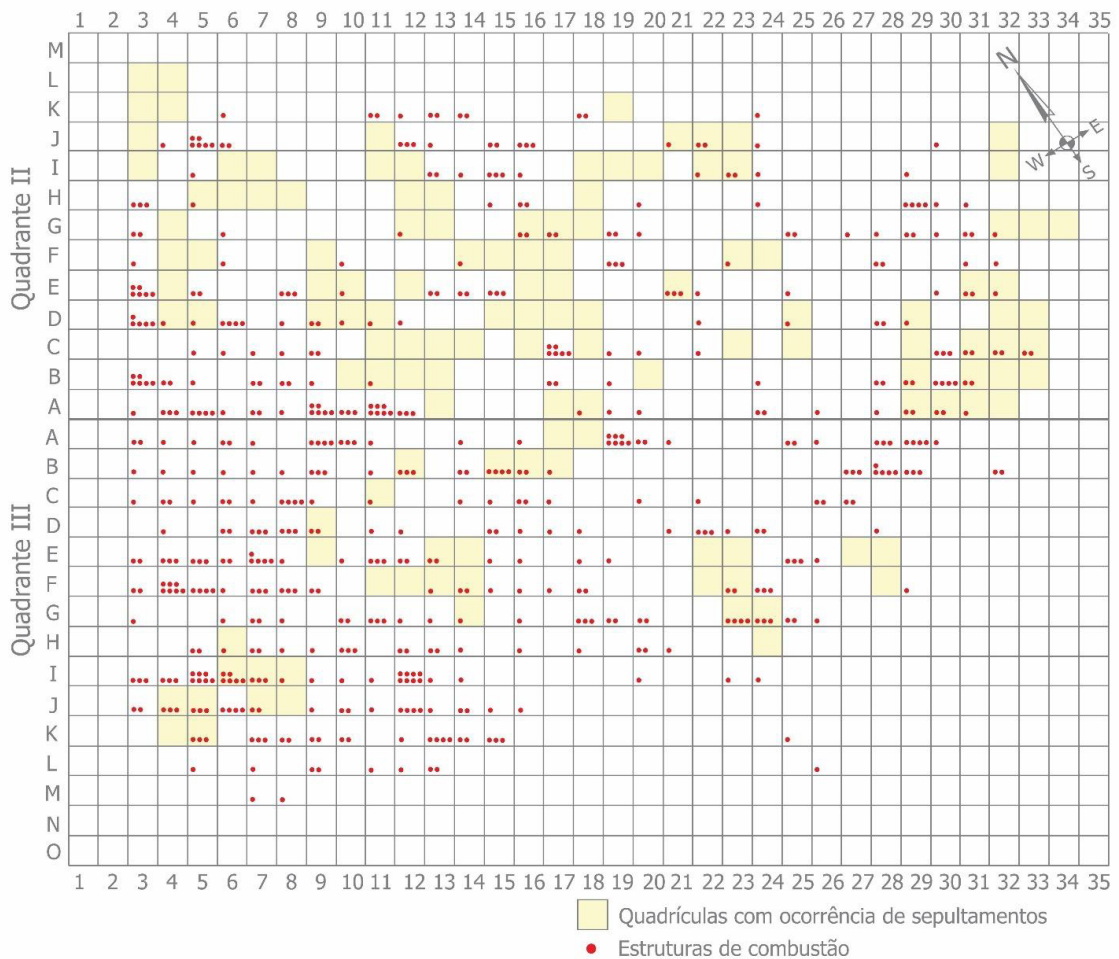
Os acompanhamentos funerários e bens pessoais usados em vida estavam presentes somente nos sepultamentos localizados no quadrante II, o que mais uma vez indica diferenças no tratamento funerário, quando comparadas as duas áreas que formavam o assentamento. Podem ser citados os dentes de tubarão com perfuração, as lâminas de machado polidas confeccionadas sobre diabásio, os ossos de fauna com perfuração, os colares de vértebras de peixe, as pontas ósseas, além de variado material lítico, em especial lascas de quartzo, entre outros. Destaca-se a presença de ossos de cetáceo sobre ou junto a alguns indivíduos (Figura 7), bem como a presença de ocre cobrindo seis crianças.

A análise detalhada da distribuição espacial horizontal e vertical das estruturas funerárias e de combustão presentes nos dois quadrantes demonstrou que não

havia um padrão de associação entre elas (Figura 9), o que se alinha à inexistência de marcas de queima nos remanescentes humanos. Nas poucas quadrículas em que foi observada tanto a presença de sepultamentos quanto de fogueiras, as estruturas estavam predominantemente em níveis distintos, não apresentando qualquer associação entre si (Figura 10). É interessante notar a inversão na frequência de vestígios quando comparados os dois quadrantes: quantidade expressivamente maior de sepultamentos e menor de fogueiras no quadrante II, e situação contrária no quadrante III.

Este padrão sugere que o fogo estava sendo utilizado principalmente em atividades cotidianas, sem relação direta com gestos ou rituais funerários. As estruturas de combustão estavam representadas da seguinte forma, em ordem de frequência: a) áreas bem delimitadas e de diversos tamanhos, com cinzas e restos faunísticos no seu interior; b) áreas com as mesmas características, mas sem a presença de material faunístico; e c) áreas delimitadas com pedras, em quantidade muito menor.

Figura 9. Planta baixa ilustrando a ocorrência de estruturas de combustão e de sepultamento, por quadrícula. Note-se que, em sua maioria, as estruturas não coincidem no espaço, bem como a menor ocorrência de estruturas de combustão no quadrante II. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 10. Quadrante II – Sepultamento # 19 e estrutura de combustão presente no perfil da quadricula K19. Aproximadamente 40 cm de sedimento arenoso separam as duas estruturas, indicando que não havia associação entre ambas. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



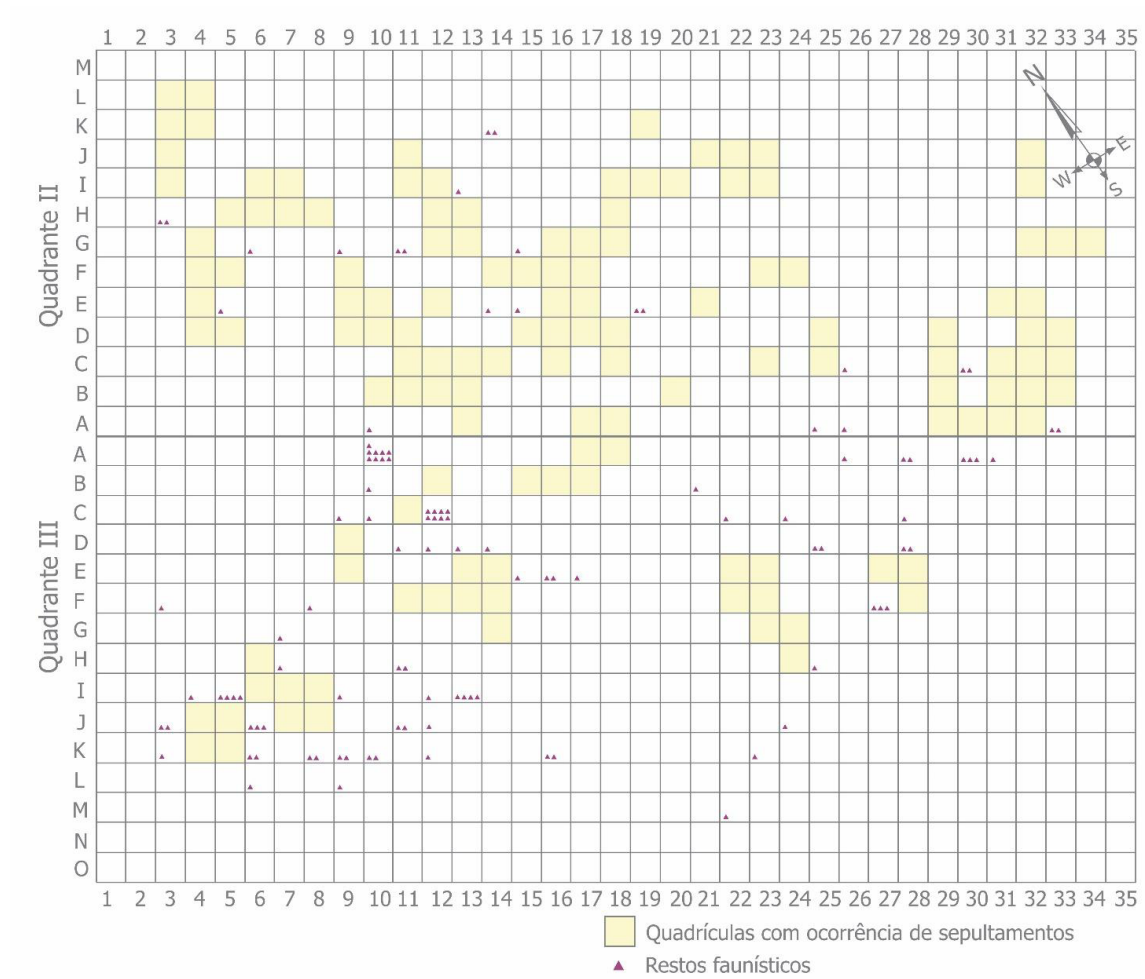
Fonte: Geoarqueologia Pesquisa Científica.

Estavam ausentes nas estruturas funerárias do SARP os restos faunísticos articulados depositados sobre ou ao redor dos indivíduos, normalmente interpretados como consumo ritual por parte dos vivos e/ou dos mortos (e.g. Klokler, 2016). Mais uma vez, nas raras quadriculas em que se observa a presença de fauna articulada e sepultamentos, os vestígios estavam em sua maioria em níveis distintos. Seguindo o mesmo padrão anteriormente discutido para as estruturas de combustão, os ossos de fauna articulados são mais abundantes no quadrante III (Figura 11).

Os restos faunísticos isolados ou desorganizados estavam representados majoritariamente por conchas e ossos de peixes e de cetáceos (Figura 12) com e sem alteração térmica. Assim como os restos faunísticos articulados, apresentaram maior ocorrência no quadrante III. Como referido anteriormente, muitos ossos de cetáceos presentes no quadrante II estavam associados a sepultamentos (Figura 9), diferentemente do quadrante III, no qual essa associação não foi observada. Verificou-se no quadrante III forte associação entre os restos faunísticos e as estruturas de combustão (Figura 14).

De acordo com a análise de uma amostra zooarqueológica de vertebrados realizada por Pavei et al. (2015), foi possível identificar um número mínimo de 700 indivíduos entre todos os táxons presentes no sítio, dos quais 51,71% são peixes ósseos e 17,29% são cetáceos

Figura 11. Planta baixa ilustrando a ocorrência de restos faunísticos articulados e de sepultamentos, por quadrícula. Note-se que, em sua maioria, as estruturas não coincidem no espaço, e há menor ocorrência de restos faunísticos articulados no quadrante II. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: elaborado pelo autores.

Figura 12. Planta baixa ilustrando a ocorrência de ossos de cetáceo e de sepultamentos, por quadrícula. Ao contrário do quadrante III, no quadrante II a sobreposição dos vestígios representa muitas vezes uma associação direta. Note-se a menor ocorrência de ossos de cetáceos no quadrante II. Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC. Fonte: elaborado pelos autores.

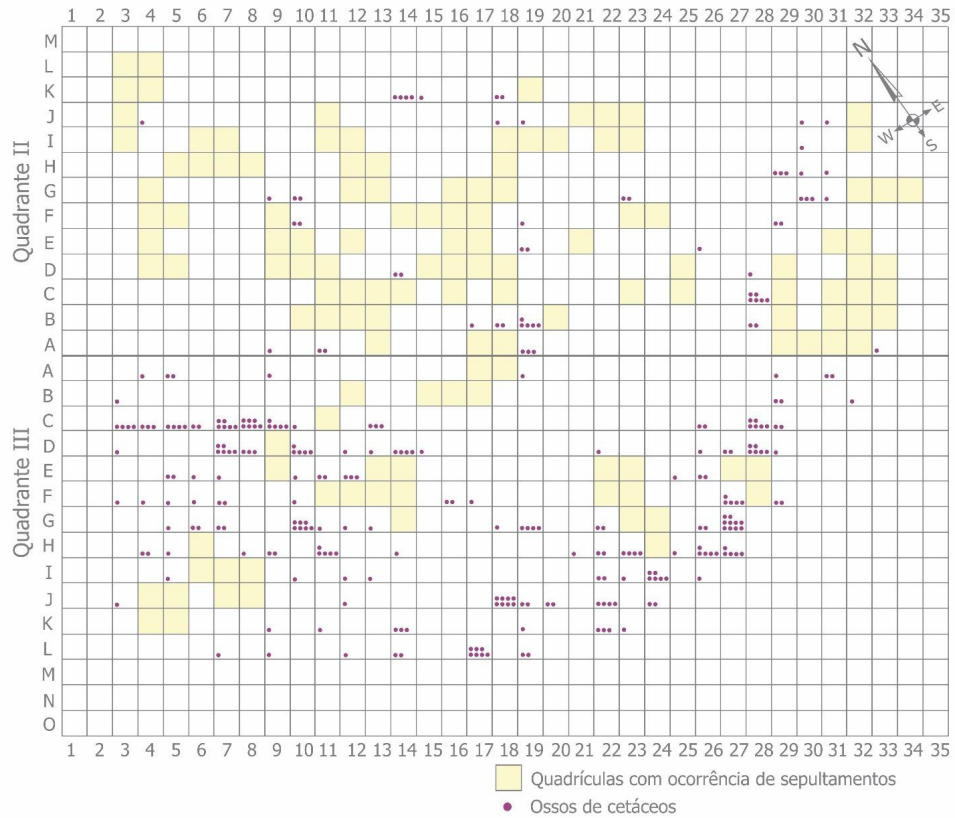


Figura 13. Quadrante III – Área com alta concentração de conchas, ossos de cetáceo e de peixe, associados à estrutura de combustão. Note-se as marcas de queima nos ossos e nos seixos, e as cinzas bem aparentes no pequeno perfil (embaixo à direita). Sítio Rua do Papagaio – Bombinhas/SC.



Fonte: Geoarqueologia Pesquisa Científica.

Finalmente, a quantificação dos artefatos presentes no SARP, ainda pouco precisa, uma vez que foi realizada somente sobre os registros das fichas de campo, forneceu dados aqui considerados apenas como tendências. Ressalta-se, porém, que a presença de artefatos líticos e ósseos foi abundante, embora de forma heterogênea quando comparadas as áreas representadas pelos quadrantes II e III, com maior ocorrência no primeiro. Entre os artefatos líticos podem ser citados os seixos rolados com marcas de uso, as lascas de quartzo hialino, os almofarizes, e as lâminas de machados — dez delas associadas a sepultamentos no quadrante II. Entre os artefatos ósseos podem ser citadas as pontas de projétil bifaciais confeccionadas sobre aves, mamíferos e peixes, bem como os dentes de tubarão com e sem perfuração.

CONTEXTO CRONOLÓGICO

O SARP tem seis datas radiocarbônicas obtidas com método AMS sobre colágeno (material ósseo humano), distribuídas entre os dois quadrantes e entre diferentes níveis estratigráficos. Considerando-se a grande extensão horizontal do sítio, bem como a alta densidade demográfica, é correto supor que a cronologia disponível até o momento, com limites máximos entre 8600 e 5469 BP, represente um intervalo mínimo de duração da ocupação. A ausência de camadas estéreis, diferenciadas, na matriz sedimentar, indica uma ocupação contínua de pelo menos 3 mil anos (Quadro 1).

O conjunto das datações apresenta coesão temporal e indica que o processo de ocupação das duas áreas do assentamento ocorreu de forma simultânea e contínua, sem indícios de uma ocupação mais antiga e outra mais recente. Dois indivíduos apresentam intervalo cronológico sobreposto, indicando que viveram no assentamento em data muito próxima ou mesmo simultaneamente.

Quadro 1. Datas radiocarbônicas obtidas sobre colágeno – Sítio Rua do Papagaio/SC

Amostra Beta Analytic	Data Convencional	Data Calibrada (cal BP, 2 σ)	Quadrante
385282	7820 +/- 30 BP	8600 – 8460	II/III
392104	6030 +/- 30BP	6950 – 6790	III
385283	5910 +/- 30 BP	6745 – 6640	II
385284	4990 +/- 30 BP	5735 - 5605	III
432487	4980 +/- 30 BP	5725 - 5600	III
392105	4780 +/- 30BP	5590 - 5469	II

Fonte: elaborado pelos autores.

O SARP NO CENÁRIO DA OCUPAÇÃO DO LITORAL MERIDIONAL

Os pesquisadores que escavaram e analisaram os sítios rasos presentes no litoral meridional (Tiburtius; Bigarella; Bigarella, 1950; Beck, 1972; Rohr, 1959, 1966, 1977, 1984a, 1984b; Rohr; Andreatta, 1969; Silva et al., 1990; Schmitz et al., 1992; Schmitz et al., 1993; Schmitz; Bitencourt, 1996; Bryan, 1993; Fossari, 2004; Bandeira, 2004; Bandeira; Fossile, 2014; Uchôa, 1973, 2009) identificaram características particulares no que se refere a sua composição e ordenamento estratigráfico (sedimento, fauna, estruturas de combustão e funerárias, artefatos). A partir de reflexões e discussões amparadas por escavações extensivas e farto material cultural e humano, esses pesquisadores elaboraram

definições e conceitos (sintetizados em Prous 1992; 2019) que permitem a identificação do que Rohr denominou inicialmente de sítios rasos de sepultamentos.

Assim, não obstante o caráter inicial das discussões sobre os sítios rasos em geral, esta pesquisa se alinha às perspectivas dos autores supracitados e, com base na minuciosa análise da configuração estratigráfica e das datações radiocarbônicas sobre remanescentes humanos do sítio Rua do Papagaio, assume que ele se caracteriza como um sítio raso sem cerâmica com cronologia bastante recuada.

A distribuição horizontal e vertical dos elementos que o compõem aponta para uma organização espacial ainda não observada em assentamentos litorâneos. Destaca-se a presença de uma aglomeração central de conchas, sem organização ou formação de lentes e camadas, nas quais estão ausentes estruturas de combustão, restos faunísticos, artefatos e sepultamentos. Trata-se, possivelmente, de uma área específica de descarte contínuo desse refugio, a qual dividiu o assentamento em duas áreas. Em uma delas (quadrante II), em que predomina um sedimento cinza escuro, homogêneo e sem presença de conchas ou carvão, houve uma expressiva preferência pelo sepultamento dos mortos e possivelmente a realização de diversas atividades cotidianas, haja vista a abundância de artefatos funcionais. Na outra área (quadrante III) os habitantes do assentamento parecem ter se dedicado majoritariamente às atividades mais diretamente relacionadas à alimentação, representadas pela abundância de estruturas de combustão associadas a vestígios faunísticos. Conchas inteiras dispersas estavam nessa área, com menor densidade quando comparadas à aglomeração central, e, mais uma vez, sem a presença de camadas ou lentes que indicassem intencionalidade quando de sua deposição. Essa configuração possivelmente é o resultado de atividades de subsistência, bem como do espalhamento natural das conchas do aglomerado central no sedimento arenoso.

Análises comparativas entre o SARP e os raros sítios rasos sem cerâmica estudados não são promissoras na medida em que as metodologias de escavação e registro utilizadas foram bastante distintas, e devido à distância cronológica entre os assentamentos. Nesse sentido, o sítio Pântano do sul (Rohr, 1977; Schmitz; Bitencourt, 1996), localizado em uma enseada protegida no sul da ilha de Santa Catarina, é o que mais se aproxima do SARP. Quatro datações definiram um intervalo máximo de ocupação de 1717 anos, entre 5445 e 3728 cal BP², datas aqui consideradas tão somente balizadoras das idades máxima e mínima da ocupação.

Embora tenha sido bastante impactado por atividades e edificações modernas e tenha sido escavada uma pequena porção do assentamento, chama a atenção algumas importantes similaridades em relação ao SARP. Considerado um sítio raso atípico até então (Schmitz; Bitencourt, 1996; Prous, 1992), o Pântano do Sul se destaca pela presença de um monte de conchas bem delimitado e localizado em área não periférica, interpretado como um local específico de descarte, e ausência desse elemento em outros espaços, bem como pela presença de duas áreas diferenciadas, alinhando-se à distribuição espacial observada no SARP. Em uma das áreas os mortos foram preferencialmente sepultados e os restos faunísticos excederam em muito os seixos antropizados, enquanto na outra área foi observada situação inversa (Rohr, 1977). Com base nas datações e na complementaridade do material encontrado, a interpretação é de que as duas áreas foram ocupadas simultaneamente. Parece prematuro assumir uma relação direta entre os sítios

² Datas sobre carvão calibradas (2σ) por meio do programa Oxcal v4.4 Bronk Ramsey 2021, curva SHcal20. As datações originais C14 foram obtidas pelo laboratório Teledyne Isotopes – USA na década de 1970 (Rohr, 1977, Schmitz e Bitencourt, 1996).

SARP e Pântano do Sul, mas a cronologia recuada e o compartilhamento de um contexto diferenciado são pontos de partida para buscas futuras por eventuais associações.

Quanto à cronologia, a data de 8.600 cal BP obtida para o SARP possibilita recuar em mais de três milênios a presença no litoral sul dos pescadores-coletores que ocuparam os sítios rasos sem cerâmica. Da mesma forma, amplia-se o intervalo cronológico de ocupação em assentamentos desse tipo para pelo menos 3000 anos, jamais imaginada até então principalmente em virtude da pequena espessura dos sítios rasos em geral. Assim, reafirma-se, aqui, tratar de grupos completamente adaptados ao estilo de vida litorâneo, vivendo em assentamentos estáveis nos quais eram realizadas as mais variadas atividades cotidianas e rituais.

Avançando na tentativa de se delinear um cenário de ocupação, ainda que preliminar, vale discutir brevemente a existência de sítios localizados no litoral sul de Santa Catarina, os quais, em um primeiro momento, poderiam sugerir similaridades com o SARP devido à composição estratigráfica com presença de sedimento arenoso escuro com alto teor de matéria orgânica. Trata-se de sítios localizados no entorno da paleolaguna de Santa Marta, os quais vem sendo extensivamente estudados ao longo da última década sob diferentes perspectivas.

Partindo da cronologia mais recuada para a região, 7500 AP, Kneip, Farias e DeBlasis (2018) discutem a complexa territorialidade dos sambaquis nesse contexto específico, e demonstram uma dinâmica ocupacional caracterizada por quatro momentos consecutivos: expansão exponencial dos assentamentos no período inicial, seguida de uma expansão lenta no segundo período, retração no terceiro período, até finalmente o término da ocupação sambaqueira no quarto período, entre 2100 e 900 AP.

O surgimento dos depósitos escuros, com alto teor orgânico, ocorre no período final de ocupação, a partir aproximadamente de 2100 AP, e representaria uma variação cultural pautada pela mudança no regime deposicional dos sambaquis da região, quando o material conchífero, até então predominante na composição dos montes, dá lugar a um sedimento rico em restos ictiológicos. As camadas sucessivas, intencionalmente depositadas, são formadas por sepultamentos, cinzas e artefatos associados (Fish et al., 2000; Barbosa, 2007; Villagran, 2008).

Três tipos de depósitos ictiológicos foram identificados (Deblasis; Farias; Kneip, 2014; Merêncio; Deblasis, 2021): nas camadas superiores de sambaquis antigos, representados pelo sambaqui Jabuticabeira II; nos denominados sambaquis tardios, com espessura entre 40 e 60 cm e também voltados exclusivamente para as práticas funerárias, representados pelo sítio Içara 01 (Schmitz et al., 1999); e as ocupações associadas às tradições ceramistas Taquara/Itararé, resultado da expansão de grupos proto-Je desde o planalto por volta do ano 1000 AP, representadas pelo sítio monticular Galheta IV.

As significativas mudanças culturais observadas na formação dos depósitos, na materialidade e mesmo nas formas de sepultamento, especialmente a partir do contato com os grupos proto-Jê, são interpretadas como continuidades da cultura sambaquiiana na longa duração.

É suposto que esse modelo de formação dos depósitos ictiológicos presentes nos sítios do entorno da paleolaguna represente ainda desafios para os pesquisadores do litoral sul de Santa Catarina. Ainda mais desafiadora é a compreensão da ocupação dos sítios rasos antigos e recentes do litoral central e norte. De qualquer forma, buscando-se tão somente sistematizar minimamente os dados disponíveis e situar o SARP nesse cenário de assentamentos distintos dos sambaquis, ressalta-se que não há indícios que alinhem os sítios rasos sem presença de cerâmica aqui tratados aos sítios anteriormente discutidos. Entende-se aqui que, em ambos os casos, se trata de processos regionais,

voltados para a interação com ambientes diferenciados e bem definidos, com enorme distância cronológica e associações materiais e culturais distintas.

Foge ao escopo deste texto discutir a antiguidade e as rotas de povoamento do litoral. No entanto, ressalta-se que a data mais recuada do SARP argumenta em prol de uma cronologia para os sítios rasos tão antiga quanto a dos sambaquis dos litorais sul e sudeste. Por outro lado, a indiscutível data sobre restos ósseos confirma a presença humana no litoral antes dos 8000 BP, o que respalda as poucas datações que se aproximam desse período, algumas consideradas polêmicas.

De acordo com o modelo migratório que estabelece rotas a partir do interior para o litoral meridional, a barreira natural formada pela escarpada Serra do Mar poderia ser mais facilmente transposta em três pontos, por meio da topografia suave dos vales dos rios Jacuí/RS, Itajaí/SC e Ribeira/SP (Lima, 1999). Os dados arqueológicos até então disponíveis, no entanto, sugeriam que este último representaria a principal rota de entrada no litoral, haja vista a grande concentração de sítios próximos a essa região, a presença dos sambaquis fluviais ao longo do vale, inclusive com datas que chegam a 10000 anos BP (Plens, 2008), bem como o fato de os sambaquis mais antigos estarem localizados justamente em São Paulo e no Paraná.

São eles: Cambriu Grande, localizado em Cananéia e com datação C14 sobre concha de 7870 cal BP (Calippo, 2004); Maratuá, localizado na Baixada Santista, com data sobre concha de 7803 ± 1300 BP e 7317 ± 1300 BP (Emperaire; Laming, 1956) e redatado por Caio Garcia com cronologia bem mais recente de 3865 ± 95 BP para uma amostra com mesma procedência estratigráfica, mas posteriormente considerada distinta (Muehe; Kneip, 1995); e, com considerável distância cronológica, o sambaqui do Ramal, localizado no litoral central do Paraná, com datação de 6540 ± 105 BP (Rauth, 1971).

Para Santa Catarina, a data mais antiga de 6280–5950 cal. BP obtida sobre concha para o sambaqui Rio Caipora, localizado no sul do estado (Giannini et al., 2010), configurava uma distância cronológica ainda maior em relação aos momentos iniciais de povoamento. A indiscutível antiguidade do SARP, portanto, acrescenta a possibilidade de uma rota inicial mais ao sul do vale do rio Ribeira, sugerindo protagonismo ao vale do rio Itajaí nesse processo.

De acordo com a proposta de Calippo (2004), no entanto, o povoamento do litoral teria ocorrido em momento ainda mais recuado, entre 18000 e 7000 anos AP, quando o nível do mar estaria abaixo do atual. No litoral de São Paulo, grupos caçadores-coletores teriam ocupado uma região situada em cotas de até 120 metros, cujos assentamentos estariam hoje submersos. Considera-se a possibilidade de uma rota do litoral para o interior, na qual os grupos que começavam a organizar-se como comunidades marítimas teriam migrado através de uma extensa planície fluvial e se fixado no médio curso do rio Ribeira de Iguape.

Sob essa perspectiva, o autor compreende os sambaquianos como uma sociedade heterogênea, formada por diversas comunidades locais (mais ou menos marítimas) caracterizadas por fronteiras culturais, como as comunidades do litoral sul e central, e do norte de São Paulo, as quais apresentam diferenças em seus padrões de mobilidade e exploração do território. Ressalta, ainda, que os comportamentos e práticas sociais sambaqueiras constroem-se pelo modo como cada comunidade ou cultura se relaciona dialeticamente com o ambiente natural e com o contexto sociocultural em que se inseriram.

Mas quão heterogêneos seriam os ocupantes iniciais do litoral meridional? A cronologia do SARP indica a convivência em maior ou menor grau, durante milênios, de sociedades sambaqueiras e sociedades pescadoras-coletoras que ocuparam os

sítios rasos antigos. As significativas diferenças entre esses dois tipos de assentamento extrapolam a sua materialidade e suscitam questionamentos sobre os seus significados sob uma perspectivaêmica. Se por um lado muito pouco se sabe sobre os discretos habitantes dos sítios rasos, um breve contraponto pode ser feito a partir dos bem conhecidos construtores de montes.

Reconhecidos até então como os colonizadores mais antigos do litoral sul e sudeste brasileiro, tem sido atribuída aos sambaquieiros certa homogeneidade no que se refere a um substrato étnico e sociocultural em comum, ancorado em um projeto ideologicamente direcionado para a construção dos montes de conchas, o qual exigiu empenho e cooperação. Unidos por uma forte identidade social, foram capazes de reproduzir por milênios, em um vasto território, um sistema simbólico permeado por eventos incrementais intencionais e contínuos que resultavam em monumentos ou marcos com significados reconhecidos por aqueles que os viam na paisagem. O fenômeno da morte estava diretamente associado a esse projeto construtivo mediante rituais que sobrepunham os mortos, as fogueiras, os restos dos festins e as conchas, e que atuavam como um vetor de mobilização, envolvimento e ordenamento de todos os membros da sociedade. Assim, definido por aspectos característicos e exclusivos desse sistema sociocultural, o projeto construtivo permite a sua identificação (Gaspar, 1994, 2000a; 2000b; Deblasis et al., 2007; Fish; Fish, 2010; Mendonça de Souza et al., 2012; Klokler 2012; Gaspar; Klokler; Deblasis, 2014; Villagrán, 2008; Villagrán; Gaspar; Souza, 2015; Klokler, 2016; Gaspar; DeBlasis; Bianchini, 2018).

Trata-se, sem dúvida, de um complexo e extraordinário sistema sociocultural. Mas o que representaria a sua dissociação com os pescadores-coletores que ocuparam os sítios rasos antigos? Grupos com distinta organização social teriam participado da ocupação inicial do litoral meridional? Até o momento, nenhuma evidência parece invalidar a hipótese de compartilhamento do litoral: pelos construtores de sambaquis, que mantiveram ao longo das gerações o propósito de edificar marcos cerimoniais e/ou territoriais, com as conchas e os sepultamentos ocupando um papel central nesse processo; e pelos discretos pescadores-coletores, cujos assentamentos mal passavam de um metro de espessura e nos quais as conchas, as fogueiras e os alimentos não tinham relação direta com os rituais funerários e com um projeto construtivo e demarcatório.

Merece menção a hipótese formulada por Gaspar (2000b), segundo a qual, a construção dos monumentais sambaquis de Santa Catarina, intensificada entre aproximadamente 4500 e 2000 anos BP, representaria o reforço de uma das características mais marcantes da sua identidade social — o acúmulo de restos faunísticos para fins construtivos — devido à interação com outras culturas contemporâneas. Se essa perspectiva estiver correta, o convívio pacífico no litoral durante milênios (Lessa; Medeiros, 2001; Lessa; Gaspar, 2014) reforça que a vontade ou necessidade de ativação de um projeto de afirmação identitária por parte dos sambaquianos foi um processo social e ideológico lentamente gestado e plenamente adequado para a sua finalidade.

Certamente, este é apenas um ponto de partida para novas discussões sobre o tema, haja vista que as inferências aqui apresentadas assumem, sob vários aspectos, um caráter hipotético. O recente desenvolvimento de pesquisas paleogenéticas sobre as populações litorâneas certamente contribuirá com outras páginas para essa história. Espera-se, de fato, que a pesquisa sobre o sítio Rua do Papagaio desperte o interesse sobre os pescadores-coletores que ocuparam os sítios rasos em geral, ainda tão pouco conhecidos, mas que, ao que tudo indica, contribuíram de forma expressiva para a formação do cenário pré-colonial litorâneo.

AGRADECIMENTOS

A Simon-Pierre Gilson pela datação calibrada do sítio Pântano do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUED, Anaide W.; BATISTA, Anderson A.; QUIMBAYO, Juan P.; MORAIS, Renato A. Peixes Recifais. In: *Projeto Parques e Fauna: Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Municipal da Ponta do Araçá*. Porto Belo: Prefeitura Municipal de Porto Belo, 2011. p. 87–110.
- BANDEIRA, Dione R. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga*, SC: Arqueologia e Etnicidade. 2004. Dissertação (Doutorado em História) — Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.
- BANDEIRA, Dione Rocha; FOSSILE, Thiago. Alimentação, adaptação e origem no sambaqui Enseada I, São Francisco do Sul, SC - Patrimônio arqueológico pré-colonial de Santa Catarina. In: ZOCCHÉ, Jairo José; CAMPOS, Juliano B.; ALMEIDA, Nelson J. O.; RICKEN, Claudio (org.). *Arqueofauna e Paisagem*. Erechim: Habilis, 2014. p. 137–154.
- BECK, Ana M. Os sambaquis do Brasil Meridional: Litoral de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia UFSC*, v. 3, n. 3. p. 57–70, 1971.
- BECK, Ana M. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis: litoral de Santa Catarina*. 1972. Dissertação (Doutorado em Antropologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- BRYAN, Alan L. The sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil. In: BRYAN, Alan L.; GRUHN, Ruth (ed.). *The Sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil / Archaeological research at Six Cave or Rockshelter sites in interior Bahia, Brazil*. Corvallis: Brazilian studies, Centers for the Study for the first Americans, Oregon State University, 1993. p. 1–113.
- CALIPPO, Flávio Rizzi. *Os sambaquis submersos de Cananéia: Um estudo de caso de arqueologia subaquática*. 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1980.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane Maria; CHMYZ, João Carlos Gomes. Novas contribuições para o estudo do Sambaqui de Matinhos, no Estado do Paraná. *Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*, v. 16, n. 1, p. 1–55, 2003.
- DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo C.; GASPAR, Maria Dulce. Sambaquis e paisagem: Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Sul-Americana*, v. 3, n. 1, p. 29–61, 2007.
- DEBLASIS, Paulo; FARIAS, Deisi Scunderlick; KNEIP, Andreas. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 24, p. 109–136, 2014.
- EMPERAIRE, Joseph; LAMING, Annette. Les Samibaquis de la côte méridionale du Brésil (campagnes de fouilles 1954 – 1956). *Journal de la Société des Américanistes*, v. 45, p. 5–163, 1956.
- FANTACINI, Felipe M.; SANTOS, Julia F.; MARCON, Cássio B.; FERREIRA, Rafael P.; OSWALD, Caroline B.; SILVA, Larissa Z.; GRAIPEL, Maurício A. Mamíferos. In: *Projeto Parques e Fauna: Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Municipal da Ponta do Araçá*. Porto Belo: Prefeitura Municipal de Porto Belo, 2011. p. 169–193.

- FISH, Susan; FISH, Paul. Monumentality and complex hunter-gatherers in southeast coastal Brazil. In: CALADO, D.; BALDIA, M.; BOULANGER, M. (ed.). *Monumental questions: Prehistoric megaliths, mounds, and enclosures*. Oxford (UK): British Archaeological Reports, 2010. p. 231–236.
- FISH, Suzanne K., DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce, FISH, Paul R. Eventos incrementais na construção de sambaquis, sudeste do estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 10, p. 69–87, 2000.
- FOSSARI, Teresa D. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. 2004. Dissertação (Doutorado em Geografia) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- GASPAR, Maria Dulce. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 2, p. 221–237, 1994.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.
- GASPAR, Maria Dulce. Os senhores da costa brasileira. *Encontros Lusófonos*, n. 2, p. 24–40, 2000b.
- GASPAR, Maria Dulce; MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. *Abordagens Estratégicas em Sambaquis*. Erechim: Habilis, 2013.
- GASPAR, Maria Dulce; KLOKLER, Daniela; DEBLASIS, Paulo. Were sambaqui people buried in the trash? Archaeology, physical anthropology, and the evolution of the interpretation of Brazilian shell mounds. In: ROKSANDIC, M.; MENDONÇA DE SOUZA, S.; EGGERS, S.; BURCHELL, M.; KLOKLER, D. (ed.). *The cultural dynamics of shell-matrix sites*. Albuquerque (USA): University of New Mexico Press, 2014. p. 91–100.
- GASPAR, Maria Dulce; DEBLASIS, Paulo; BIANCHINI, Gina. Corpos e montes: arquitetura da morte e do modo de vida dos sambaquieiros. *Revista Memorare*, v. 5, n. 1, p. 264–282, 2018.
- GIANNINI, Paulo C. F.; VILLAGRAN, Ximena S.; FORNANI, Milene; NASCIMENTO JUNIOR, Daniel R.; MENEZES, Priscila M. L.; TANAKA, Ana P. B.; ASSUNÇÃO, Danilo C.; DEBLASIS, Paulo; AMARAL, Paula G.C. Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana pré-histórica na costa centro-sul de Santa Catarina, Brasil. *Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi Ciências Humanas*, v. 5, n. 1, p. 105–128, 2010.
- HORN FILHO, Norberto Holmiro. Setorização da Província Costeira de Santa Catarina em base aos aspectos geológicos, geomorfológicos e geográficos. *Geosul*, v. 18, n. 35, p. 71–98, 2003.
- KLOKLER, Daniela. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus*, v. 10, n. 1, p. 83–104, 2012.
- KLOKLER, Daniela. Animal para toda obra: Fauna ritual em sambaquis. *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 21–34, 2016.
- KNEIP, Andreas; FARIAS, Deisi; DEBLASIS, Paulo de. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaquieira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, v. 31, n. 1, p. 25–51, 2018.
- LESSA, Andrea. Reflexões preliminares sobre paleoepidemiologia da violência em grupos ceramistas litorâneos: (I) Sítio Praia da Tapera – SC. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 15–16, p. 199–207, 2005.

- LESSA, Andrea. Projeto Faperj-Edital 08/2015 – Programa de Apoio a Projetos de Pesquisa na Área de Humanidades. *Datações para sítios rasos: subsídios para uma revisão dos dados arqueológicos e bioarqueológicos e para novas discussões sobre a ocupação do litoral de Santa Catarina*, 2015.
- LESSA, Andrea; SCHERER, Luciane Z. O outro lado do paraíso: novos dados e reflexões sobre violência entre pescadores-coletores pré-coloniais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 18, p. 89– 100, 2008.
- LESSA, Andrea; MEDEIROS, João Cabral de. Reflexões preliminares sobre a questão da violência em populações construtoras de sambaquis: análise dos sítios Cabeçadas (SC) e Arapuan (RJ). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 11, p. 77–93, 2001.
- LESSA, Andrea; GASPAR, Maria D. B. Estratégias de subsistência, complexidade social e violência entre grupos sambaquieiros do litoral brasileiro. In: MAZZ, José M. L.; BERÓN, Monica (ed.). *Indicadores arqueológicos de violencia, guerra y conflicto em Sudamérica*. Montevideo (URU): Universidad de la República, 2014.
- LIMA, Tania A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista da USP*, n. 44, p. 270–327, 1999.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.
- MERÊNCIO, Fabiana T.; DEBLASIS, Paulo. Análises de mobilidade no litoral sul de Santa Catarina entre 2000-500 anos cal AP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 36, p. 59–94, 2021.
- MUEHE, Dieter; KNEIP, Lina M. O sambaqui de Camboinhas e o de Maratuá e as oscilações relativas do nível do mar. *Documento de Trabalho, Série Arqueologia* v. 3, p. 75–82, 1995.
- BARBOSA, Paula Nishida. *A coisa ficou preta: Estudo do processo de formação de terra preta do sítio arqueológico Jabuticabeira II*. 2007. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- OPPITZ, Gabriela. *Coisas que mudam: os processos de mudança nos sítios conchíferos catarinenses e um olhar isotópico sobre o caso do sítio Armação do Sul, Florianópolis/SC*. 2015. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PAIVA, Melquíades P. *Conservação da Fauna Brasileira*. Rio de Janeiro: Interciência, 1999.
- PAVEL, Diego D.; CAMPOS, Juliano B.; ZOCCHÉ, Jairo J.; SANTOS, Marcos C. P. Zooarqueologia de vertebrados do sambaqui do Papagaio, Bombinhas, Santa Catarina. *Tecnologia e Ambiente*, v. 21, p. 70–89, 2015.
- PLENS, Claudia Regina. *Sítio Moraes, uma biografia não autorizada: análise do processo de formação de um sambaqui fluvial*. 2007. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PROUS, Andre. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- PROUS, Andre. *Arqueologia brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2019.
- RAUTH, José W. Nota prévia sobre o sambaqui do Ramal. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4: Resultados preliminares do quarto ano 1968–1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. p. 115–128.

- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- ROHR, João A. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 3, p. 199–267, 1959.
- ROHR, João Alfredo. Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I- Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 15, p. 3–20, 1966.
- ROHR, João Alfredo. *O sítio arqueológico do Pântano do Sul*. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.
- ROHR, João Alfredo. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário Camboriú. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, v. 17, p. 5–76, 1984a.
- ROHR, João Alfredo. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, v. 17, p. 77–174, 1984b.
- ROHR, João Alfredo; ANDREATTA, Margarida D. O sítio arqueológico da Armação do Sul (nota prévia). *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 20, n. 13, p. 135-138, 1969.
- SERRANO, Antonio. Las culturas protohistóricas del Este Argentino y Uruguay. *Memorias del Museo de Paraná*, v. 7, p. 9–43, 1933.
- SERRANO, Antonio. *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*. [s.l.]: Paraná; Talleres Graficos Melchior, 1936.
- SCHMITZ, Pedro I; DE MASI, Marco Aurélio Nadal; VERARDI, Ivone; LAVINA, Rodrigo; JACOBUS, André Luis. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. — O sítio arqueológico da Armação do Sul. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 48, 1992.
- SCHMITZ, Pedro I.; VERARDI, Ivone.; DE MASI, Marco Aurélio Nadal; ROGGE, Jairo Henrique; JACOBUS, André Luiz. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. — O sítio da Praia de Laranjeiras II. Uma aldeia da Tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 49, 1993.
- SCHMITZ, Pedro I. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. S.J. — Visão conjunto dos sítios da Tapera, Armação do Sul, Laranjeiras I e II, Pântano do Sul e Cabeçadas. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 53, p. 183–190, 1996.
- SCHMITZ, Pedro I.; BITENCOURT, Ana Luiza Vietti. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. S.J. — O sítio arqueológico do Pântano do Sul. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 53, p. 77–124, 1996.
- SCHMITZ, Pedro I.; ROSA, André O.; IZIDRO, Juliane M.; HAUBERT, Fabiana; KREVER, Maria Luiza Belíssimo; BITENCOURT, Ana Luiza Vietti; ROGGE, Jairo Henrique; BEBER, Marcus Vinicius. Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 55. 1999.
- SCHMITZ, Pedro I. *Para a História da Arqueologia Brasileira: o sambaqui do Toral, PR: Diário do primeiro curso de arqueologia, julho de 1962*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, [2018].
- SILVA, Sergio B.; SCHMITZ, Pedro I.; ROGGE, Jairo H.; DEMASI, Marco A.; JACOBUS, Andre L. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. — O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Série Antropologia*, v. 45. 1990.
- SOUSA, Gabriel S. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Hedra, 2010.

- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila; LIRYO, Andersen; BIANCHINI, Gina Faraco; GASPAR, MaDu. Sambaqui do Amorins: mortos para mounds? *Revista de Arqueologia*, v. 25, n. 2, p. 84–103, 2012.
- TIBURTIUS, Guilherme; BIGARELLA, Iris Koehler; BIGARELLA, João José. Nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina). *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, v. 5–6, p. 315–345, 1950.
- UCHÔA, Dorath Pinto. *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista*. Dissertação (Doutorado em Arqueologia) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Rio Claro, 1973.
- UCHÔA, Dorath Pinto. A Ilha do Mar Virado: estudo de um sítio arqueológico no litoral norte do estado de São Paulo. *Clio – Série Arqueológica*, v. 24, n. 1, p. 7–40, 2009.
- VILLAGRÁN, Ximena S. *Análise de arqueofácies na camada de terra preta do sambaqui Jabuticabeira II*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- VILLAGRÁN, Ximena S.; GASPAR, Maria Dulce; SOUZA, Sheila Mendonça. Primeiros estudos micromorfológicos em sambaquis da baía de Guanabara (Rio de Janeiro): Sítio Sernambetiba sob o microscópio. In: RUBIN, J.C.R.; DUBOIS, C.M.F.; SILVA, R.T. (ed.). *Geoarqueologia na América do Sul*. Goiás: PUC, 2015. p. 427-462.